

A CATEQUESE FAMILIAR

reflexões e propostas de trabalho

Olhando para o que têm sido as últimas décadas de catequização no nosso país, verifica-se que, muitas vezes, e após um percurso de formação para a fé de 10 anos, os nossos adolescentes e jovens, quantas vezes após serem crismados, abandonam progressivamente a prática religiosa a que uma catequese, quase totalmente confiada pelas famílias à paróquia, os procurou introduzir. Esta realidade é vivida por responsáveis e catequistas, que tão generosamente se dedicam à catequese das primeiras etapas - infância e adolescência - com desilusão e desânimo. Essa preocupação também é, muitas vezes, formulada sob a forma de um diagnóstico relativamente pessimista, conscientes de que se evoluiu muito na pedagogia para a fé, mas que não se conseguiu, e não se tem, o compromisso e a participação das famílias, sem os quais não é possível conseguir, com crianças e adolescentes, uma verdadeira iniciação e uma adesão plena à fé e à pessoa de Jesus Cristo.

Também é preciso que se refira que, do mesmo modo, observamos como está a surgir toda uma nova sensibilidade catequética que vai discernindo uma outra perspetiva da pastoral: de facto, avalia-se como necessária e urgente a passagem de uma iniciação cristã centrada nas crianças e adolescentes, e que se concentra tradicionalmente na sacramentalização, para um processo de iniciação cristã que tem no centro a pessoa - e, por isso, os adultos, os jovens, os adolescentes e as crianças - e que não se constrói apenas a partir, e tendo como finalidade, a receção dos sacramentos, nomeadamente os sacramentos da iniciação cristã, mas que define como meta, certamente de longo prazo, e orientação pedagógica, uma plena e contínua iniciação a uma vida cristã.

Neste sentido, este trabalho trata, sobretudo, e como o seu título indica, da **Catequese Familiar**. Por Catequese Familiar entendemos a proposta consistente de uma catequese oferecida aos pais por ocasião da catequese dos seus filhos, durante os três anos da Primeira Fase do Itinerário Catequético que vigora entre nós, terminando com a Festa da Eucaristia ou Primeira Comunhão.

Trata-se de uma catequese feita para e com toda a família, onde tem lugar uma verdadeira Catequese de Adultos. Em grande parte centrada nos pais, pretende capacitá-los para serem os primeiros catequistas dos filhos, tal como são os primeiros e mais marcantes responsáveis pela sua formação e educação, auxiliados pelo(s) catequista(s) da comunidade paroquial, que assim se transforma para os acolher e acompanhar.

A família cristã, lugar da transmissão da fé

A família cristã, lugar da transmissão da fé

Podemos considerar que o modelo catequético atual, e que está em crise, caracterizado em pôr o catequista a fazer a catequese em espaços alheios à casa familiar, é recente na história da Igreja, contrapondo-se a toda uma história em que os pais católicos ensinavam os seus filhos com o exemplo e a instrução em casa, embora sempre com o apoio da comunidade. Nos tempos modernos, a família começou a deixar de proporcionar um contexto necessário para a vivência da fé, os pais habituaram-se a levar os filhos à catequese, pelo que cada vez é maior o número de pais que delegam única e exclusivamente na paróquia a formação na fé de seus filhos. Uma criança ou adolescente que vai à catequese e tem, ou não, uma aula de Educação Moral Religiosa Católica uma hora por semana, na escola, mas que, voltando a casa, encontra uma família que não partilha a fé¹, tem poucas possibilidades de verdadeiramente descobrir e viver o «tesouro» dessa mesma fé.

É fundamental apostar na conversão pastoral das famílias. Uma questão de formação da mentalidade, pois não se trata de aprender a doutrina, mas sim de facilitar uma iniciação cristã, isto é, que a família se encontre com Cristo, viva no seu amor e fale aos outros d'Ele. Portanto, implica aprender um modo de vida, de viver e viver em família, na perspectiva do Evangelho.

É indiscutível que a influência das famílias na educação dos seus filhos é um fator determinante para a sua formação, pois os valores e estilo de vida vividos pela família são decisivos na formação dos filhos. Neste sentido, é unânime a constatação de que uma hora por semana de catequese só muito dificilmente poderá competir com o resto da vida das crianças e adolescentes. É aqui que entra a absoluta necessidade e urgência de ajudar as famílias, sobretudo os pais, a viverem a sua experiência de fé, porque só desta forma poderão contribuir, em grande parte, para a formação dos seus filhos. E assim, a família poderá transformar-se no lugar «natural», a base, o ponto de apoio, para um verdadeiro crescimento humano e cristão dos seus filhos.

Perante os ventos da secularização, a Igreja, uma vez «afastada» de todos os ambientes, só lhe resta um caminho para formar os seus filhos, sendo tal caminho apontado pelo Papa João Paulo II na *Familiaris consortio*: a catequese familiar (cf. FC 52). A família é, pois, o lugar privilegiado para o crescimento da fé, tal como sublinha o *Diretório Geral da Catequese*:

«A família como “lugar” de catequese tem uma prerrogativa única: transmite o Evangelho, integrando-o no contexto de profundos valores humanos. Com esta base

¹ Cf. B. Huebsch, *La catequesis de toda la comunidad. Hacia una catequesis por todos, con todos y para todos*, ed. Sal Terrae, Santander 2006, pp. 81-83.74

humana, é mais profunda a iniciação na vida cristã: o despertar para o sentido de Deus, os primeiros passos na oração, a educação da consciência moral e a formação do sentido cristão do amor humano, concebido como reflexo do amor de Deus Criador e Pai. Em resumo: trata-se de uma educação cristã mais testemunhada do que ensinada, mais ocasional do que sistemática, mais permanente e quotidiana do que estruturada em períodos». DGC 255

A missão da família

A Igreja e a família são uma para a outra lugares propícios para a participação no mesmo mistério, o da revelação de Deus na história, porque a Igreja realiza a sua missão na edificação das famílias e, reciprocamente, as famílias constroem a Igreja de Deus. De facto, Igreja e a família têm uma missão comum e «o futuro da humanidade passa pela família» (FC 86) porque o «ser da família» lança uma luz sobre o mundo.

«A edificação de cada família cristã coloca-se no contexto da grande família da Igreja, que a sustenta e a transporta e garante que tenha sentido e que existirá um futuro para ela, o “sim” do Criador. E, reciprocamente, a Igreja é edificada pelas famílias, “pequenas Igrejas domésticas”, como lhes chamou o Vaticano II, redescobrimo uma antiga expressão patrística. No mesmo sentido, a Familiaris Consortio afirma que “o matrimónio cristão... é o lugar natural no qual se realiza a inserção da pessoa humana na grande família da Igreja” (FC 86)»². BENTO XVI

Foi uma autêntica intuição do Concílio Vaticano II ter retomado o termo *ecclesiola* («uma Igreja em miniatura», Igreja doméstica) de S. João Crisóstomo para manifestar que a vida conjugal, o papel dos pais e dos filhos nas suas relações inter-pessoais são determinadas por uma vida de «comunhão» e uma «comunidade» a construir (Cf. GS 48). A família é uma realidade eclesial, sinal da união de Cristo com a sua Igreja, onde o mistério da Igreja está presente de certo modo (Cf. LG 11e FC 49) e a sua própria missão é ser comunidade que salva (Cf. FC 49), ao serviço da edificação do Povo de Deus (Cf. CIC 1534):

«Nos nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, “Ecclesia domestica - Igreja doméstica” (LG 11). É no seio da família que os pais são, “pela palavra e pelo exemplo (...), os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada” (LG 11)». CIC 1656

Portanto, a família (*ecclesiola*) é uma realidade eclesial, lugar por excelência de santificação mútua, tal como afirma o Papa João Paulo II na *Familiaris consortio*, referindo a *Sacrosanctum Concilium*³:

«O dever de santificação da família tem a sua raiz no batismo e a sua expressão máxima na Eucaristia, à qual está intimamente ligado o matrimónio cristão». FC 57

A família é também uma realidade intergeracional. Os esposos, no seu papel de pais, devem representar o amor divino que respeita e promove a diferença e a alteridade de

² Bento XVI, *Discorso in occasione dell'apertura del convegno ecclesiale diocesano nella Basilica di San Giovanni in Laterano*, in «Insegnamenti di Benedetto XVI», I (2005), ed. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2006, p. 205.75

³ «O matrimónio se celebre usualmente dentro da Missa» (SC 59), para se exprimir a relação especial que existe entre Eucaristia e Matrimónio.76

cada criança e adolescente. Os pais são os que deram a vida no nome do Senhor e que representam, aos olhos dos seus filhos, o Deus bom (Cf. Lc 18, 19). A comunhão entre gerações é fortificada por um contexto parental onde os próprios pais perceberam a exigência de amar, de dar sentido e de honrar os seus próprios filhos como filhos de Deus (Cf. Jo 1, 12; João Paulo II, *Carta às famílias*, n. 22).

Cada criança deve ser querida como uma surpresa não planeada, e concebida com amor. Muitas vezes surge de improviso no amor e na vida dos pais, porém nenhum ser humano vem à humanidade sem ser «querido» diretamente por Deus. De certa forma - e a vida quotidiana é disso exemplo - «**as crianças, ao poderem crescer “em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 52), darão o seu precioso contributo à edificação da comunidade familiar e à santificação dos pais**» (FC 26).

A família deve ser sinal e sacramento da presença do Deus Trindade. Na Igreja doméstica, manifesta-se uma presença particular do mistério divino (Cf. João Paulo II, *Carta às famílias*, nº 22). Toda a comunhão na verdade e no amor vem de Deus e constrói-se com Ele, por Ele e n'Ele. O mistério trinitário determina as relações inter-pessoais dos esposos e dos membros da família. Ela está no coração de Deus quando Deus está no seu coração (Cf. 1 Cor 3, 16-17). Deus não está distante da família cristã, antes pelo contrário: à imagem da Trindade que é Unidade em três pessoas, a família é chamada a viver uma unidade profunda dentro de uma pluralidade. As pessoas fortificam a sua singularidade dentro de uma comunhão forte que está na origem da sua fecundidade.

Se a família exprime a natureza da Igreja, ela tem um papel capital onde se encontra, quer seja no bairro, na cidade, vila, paróquia, diocese ou nas culturas onde está inserida. A família é uma manifestação local, corporal, da comunhão eclesial.

O Vaticano II diz que a família é «o santuário da Igreja em casa» (AA 11). O amor da Igreja pela humanidade, na missão de Cristo, transparece nesta comunhão de pessoas. De facto, não há nenhuma história familiar banal, porque cada história de amor, que está na sua base, reenvia à última fonte, a Providência que dá sentido a todas as vidas e conhece todos pelo nome. As crianças são como filhos de Deus confiados aos pais, e os pais são como que aqueles que conduzem ao Criador e salvador. Assim, a família, na sua expressão concreta, representa a encarnação de todo o amor cristão, porque fundada sobre a graça batismal pertence ao mistério da Igreja. A partir desta graça, exerce a sua missão em diversas direções, tal como refere a *Familiaris consortio*:

- transmissão e serviço da vida;
- testemunho e educação da fé;
- serviço da oração e dos sacramentos;
- construção de uma civilização da vida e do amor numa relação com o mundo, feita de testemunho, de respeito e de anúncio explícito da origem de todo o amor.

Concentrar-nos-emos no testemunho e na educação da fé na família, isto é, na catequese familiar, porque temos consciência de que é um nó fundamental para que a

família possa construir a Igreja, e a Igreja possa fortificar a família, pois, apesar de duas realidades, **vivem dum mesmo coração**⁴:

«A família é o objeto fundamental da evangelização e da catequese da Igreja, mas é também o seu indispensável e insubstituível sujeito: o sujeito criativo.

*Neste sentido, para ser este sujeito, não só para perseverar na Igreja e atingir as suas fontes, mas também para constituir a Igreja na sua dimensão fundamental, como uma “igreja em miniatura” (Igreja doméstica), a família deve, particularmente, estar consciente da missão da Igreja e da própria participação nesta missão»*⁵. JOÃO PAULO II

Os bispos portugueses, no referido documento sobre a família, reforçam a doutrina do Papa João Paulo II, ao considerarem a família como «espaço privilegiado de encontro com o amor, o primeiro lugar onde os filhos aprendem e interiorizam os valores perenes». (Cf CEP, *A família...*, n. 54, p.209)

Mas, para tal, é de suma importância que os pais sejam capazes de compreender o seu papel dentro da missão da própria Igreja⁶, através de uma conveniente formação cristã⁷ que os ajude numa vivência autêntica da fé.

*«A catequese em casa tem finalidade e métodos muito diferentes da que se realiza na paróquia: é mais imediata, ligada à vida e às experiências concretas, do qual é rica a relação familiar entre pais e filhos; frequentemente, é ocasional, mas não menos eficaz que a sistemática; é profunda e envolve, é participada por todos os membros num clima de escuta e de diálogo interpessoal»*⁸. C. NOSIGLIA

Fala-se, portanto, de *magistério da vida* que se explicita na experiência quotidiana e se serve de palavras, evidentemente, mas sobretudo de exemplos.

Formas de Catequese Familiar

Quando se fala de catequese familiar gera-se confusão à volta deste modelo de formação cristã, tanto por parte dos promotores e agentes de pastoral como dos pais. Uns veem, na catequese familiar, um ensinamento religioso ministrado pelos pais aos filhos, à semelhança do que o catequista faz, na catequese paroquial. Outros veem-na como uma instrução sobre as verdades da fé, dada por um catequista a alguns pais juntamente com seus filhos, na casa de um deles; para outros, consiste no acompanhamento e apoio que os pais dão aos filhos que participam da catequese paroquial, ajudando-os na elaboração dos trabalhos que a criança leva para serem feitos em casa (modelo escolástico); outros ainda, consideram-na a formação que é dada aos pais no sentido de capacitá-los para exercerem o ministério da educação cristã na sua família. Todas estas formas de pastoral familiar são relevantes mas, talvez, insuficientes.

⁴ Cf. A. Mattheeuws, *L'avenir de l'humanité passe par la famille*, in «Nouvelle Revue Théologique», 130 (2008), pp. 733-739.

⁵ João Paulo II, *Omelia alla Messa di apertura del V Sinodo dei Vescovi sui compiti della famiglia cristiana nel mondo contemporaneo, 26 settembre 1980*, in «Insegnamenti di Giovanni Paolo II», III/2 (1980), pp. 734-742.77

⁶ Cf. CEI, *Evangelizzazione e sacramento del matrimonio*, 20 giugno 1975, in «ECEI» II, 2091-2218. Primeira Parte, n. 30-37.

⁷ Cf. R. Bonetti, *Famiglia soggetto di evangelizzazione. L'esperienza di Bovolone*, in «Famiglia et vita», 1 (2010), p. 96.

⁸ C. Nosiglia, *La famiglia, luogo della trasmissione della fede*, in «Catechesi», 79 (2009-2010) 2, p. 26.78

Outro aspeto a ter em conta é o facto de que, em nome de uma pastoral orgânica, a responsabilidade educativa dos pais deve iniciar-se desde a génese da família, a partir do momento em que decidem casar. Portanto, o bom sucesso da ação educativa dos pais deve pressupor toda **uma pastoral por etapas**, que passamos a indicar sucintamente⁹:

1. Numa primeira etapa, a educação para a responsabilidade educativa dos futuros pais deve iniciar-se quando pedem à Igreja para casarem, durante os encontros de preparação para o matrimónio.
2. Na segunda, deve-se educar para a responsabilidade educativa os pais e os padrinhos que pedem à Igreja o Sacramento do Batismo, e por ocasião de toda a pastoral do batismo por etapas.
3. Na terceira etapa de educação para a responsabilidade educativa acontece quando os pais inscrevem os filhos na catequese comunitária de iniciação cristã, levando-os à celebração dos sacramentos da Eucaristia, Penitência e Confirmação¹⁰. Classificamos toda esta pastoral familiar em dois grupos: *com* e *da* família.

Explicitamos, então, estas várias modalidades de *Catequese Familiar*:

a. Com a família

Trata-se da solicitude por parte da comunidade cristã para com a família, para que, através de uma catequese apropriada, possa conhecer e aprofundar o dom de Deus oferecido no dia do matrimónio e possa ser testemunha eficaz desse mistério de amor. A ação pastoral para com a família deve considerar:

- a catequese com jovens e adultos que se preparam para o matrimónio cristão e, portanto, para constituírem uma família;
- catequese de acompanhamento e aprofundamento da fé («mistagógica») com os jovens casais, sobretudo nos primeiros anos da sua vida familiar;
- catequese com os pais que pedem o batismo para os seus filhos;
- catequese com os pais cujos filhos seguem o caminho da iniciação cristã.

Estas formas de catequese, tão úteis, só o serão plenamente se fizerem parte de um projeto uno e tendo como objetivo proporcionar às famílias (no seu conjunto: pais, filhos e outros membros) o **progressivo e sistemático aprofundamento da fé recebida no batismo**.

b. Da família

É a forma mais exigente de catequese familiar. Trata-se de **exercitar, o ministério de catequistas para com os filhos, por parte dos pais**, estando ao serviço da palavra e da vida, quer no ritmo ordinário da vida, quer em momentos que determinam o desenvolvimento da fé, tal como os sacramentos, a educação moral e a oração. Sublinha-se o aspeto quotidiano da sua **missão de catequistas**: interpretando os acontecimentos, circunstâncias, mudanças, à luz da Palavra de Deus, e promovendo o acolhimento e meditação da mesma Palavra, empenhando-se em participar na vida da

⁹ Cf. G. Biader; S. Noceti, *Battesimo, sì... ma dopo?*, ed. Dehoniane, Bologna 2005.79

¹⁰ Cf. Aa.Vv., *Nelle vostre assemblee. Teologia pastorale delle celebrazioni liturgiche*, vol. II, ed. Queriniana, Brescia 1987.80

comunidade cristã e civil como quem edifica o Reino de Deus¹¹. É este tipo de catequese familiar que procuraremos desenvolver nesta proposta.

Este modelo de Catequese Familiar...

Permite um salto qualitativo, apontando uma nova perspectiva pastoral, onde o centro da atenção passa dos filhos para os pais, onde se percebe que os pais não estão somente para ajudar os filhos na sua iniciação cristã, mas sentem necessidade de amadurecer e aprofundar a sua própria fé.

Não é somente uma proposta para os adultos colaborarem na pastoral das crianças, mas um verdadeiro processo de Catequese de Adultos, na convicção que esta garante, ao mesmo tempo, uma melhor eficácia no processo da iniciação cristã dos filhos.

A Catequese Familiar responde, pois, com otimismo e competência pastoral, a algumas das perspectivas pastorais mais relevantes e urgentes da Igreja portuguesa.

Assim:

- a necessidade de resposta à crise da instituição familiar, onde a situação crítica de muitas famílias coloca sérios problemas ao bom sucesso da CATEQUESE FAMILIAR;
- a promoção da família educadora, porque este tipo de catequese depende da capacidade da família em ser sujeito e lugar de educação, chegando a sê-lo, também, de educação religiosa;
- a aposta na iniciação cristã, no sentido em que a CATEQUESE FAMILIAR vem ao encontro da atual crise da catequese, superando a pastoral sacramental e apostando num verdadeiro processo de iniciação cristã, ao longo de toda a vida;
- o investimento num novo paradigma de catequese, superando o modelo tridentino, e promove uma Catequese de Adultos verdadeiramente adulta;
- exigência da inculturação da fé, na medida em que o diálogo entre fé e cultura moderna ou mentalidade da gente é fundamental, para despertar na vida quotidiana a compreensão da fé;
- a CATEQUESE FAMILIAR surge como resposta à urgência de uma conversão pastoral das nossas comunidades e à necessidade de levar a sério a opção evangelizadora.

¹¹ Cf. CEI-UCN, *La catechesi com la família*, ed. Elledici, Torino 1996, pp. 12-13.

Uma catequese de adultos enquanto pais

Falar de Catequese Familiar é falar de Catequese de Adultos, na grandeza de um novo modelo pastoral. Por isso, antes de nos determos nos filhos, procuraremos sintetizar uma visão de conjunto das habituais dificuldades ligadas a este âmbito da ação catequética com adultos: o envolvimento dos adultos, enquanto pais, e a sua relação com os sacramentos, os filhos e a fé, a comunidade¹².

Relação pais-sacramentos

Este tipo de catequese está ligado geralmente à preparação dos filhos para os sacramentos da iniciação cristã, entrando assim na problemática da pastoral sacramental em geral e na questão da iniciação cristã em particular. Um problema vasto e complexo. Nós consideramos o problema na sua relação com o papel e a condição dos pais.

O pedido de sacramentos para os seus filhos, por parte dos pais, geralmente responde a muitas motivações, tantas vezes longe da perspectiva de fé e da natureza teológica dos sacramentos. Portanto, frequentemente, **há uma grande diferença entre o que os pais pedem e o que a comunidade quer oferecer**. Convém, aqui, uma sábia escuta e um fraternal acolhimento das famílias a fim de lhes propor uma autêntica conversão.

Relação pais-filhos

Num tempo de crise da família e da função educativa, **a família continua a ser necessária e providencial para a educação religiosa dos filhos**. Deve-se superar aquela mentalidade em que os pais delegam a ação educativa dos filhos, para que assumam em primeira pessoa tal responsabilidade, superando a habitual perspectiva de confiarem a outros esta missão. Neste sentido, importa uma ação pastoral que não culpabilize, mas acolha, sendo capaz de responsabilizar, motivar e ajudar, isto é, que assuma educar os pais para o exercício da parentalidade.

Processo de redescoberta e aprofundamento da fé

No centro deste projeto, está um verdadeiro processo de CA, isto é, **o caminho de redescoberta e aprofundamento da fé por parte dos adultos**, protagonistas e sujeitos do itinerário de fé, porque se trata do seu próprio caminho.

Começando por centrar a atenção nos filhos, lentamente passa-se dos filhos para os pais, pois rapidamente se compreende que **o problema central é o aprofundamento da fé por parte dos adultos**. Portanto, considera-se como sujeito principal do processo, não mais a criança, mas o adulto: uma catequese para adultos que envolve também as

¹² Catequese Familiar. E. Alberich; A. Binz, *Forme e modelli...*, pp. 101-108.89

crianças, e não uma catequese infantil onde se procura envolver os adultos. As várias experiências de Catequese Familiar confirmam a possibilidade desta passagem, sobretudo a chilena.

Apostando na formação e aprofundamento da fé dos adultos, a Catequese Familiar tem como **objetivos e funções**:

- ajudar a redescobrir e promover a família como lugar de comunhão e de educação humana e cristã;
- proporcionar a redescoberta da fé (conversão) e dos elementos centrais da identidade cristã (evangelização);
- facilitar a abertura a um itinerário catequético estruturado sacramentalmente, segundo o paradigma catecumenal que é modelo de cada catequese;
- promover um novo modelo de cristão, capaz de ser testemunho e presença na Igreja e na sociedade;
- promover uma nova inserção da família na comunidade cristã.

Tais objetivos só poderão ser atingidos através de uma **CA como processo catequético essencialmente experiencial, ligado à situação e aos problemas concretos dos adultos envolvidos**. Finalmente, deve ter-se presente que **o sujeito principal do processo deve ser a família, como cruzamento de relações**.

Quanto aos **conteúdos**, apesar de estarem ligados às experiências concretas, podemos sublinhar alguns aspetos comuns:

- temas ligados à família, à educação, às relações intergeracionais que frequentemente ocupam a sensibilidade dos pais e em que estes se sentem fragilizados e, frequentemente, desamparados;
- alguns temas nucleares da fé, como Deus, Cristo, a Igreja, a vida cristã, sendo apresentados de uma nova maneira em relação às fórmulas que tradicionalmente eram comuns;
- conhecimento e leitura da Bíblia e dos seus temas fundamentais, sendo esta central no processo de evangelização com adultos;
- os sacramentos, pressupostos principais de todo o processo catequético com os pais.

A Catequese Familiar procura ainda **promover a presença e mobilização dos leigos como protagonistas de todo o processo**, através de equipas de animação, guias, coordenadores, outros serviços. Exige, evidentemente, a formação destes responsáveis, o que é uma urgência pastoral a considerar.

Este tipo de catequese **estrutura-se** em pequenos grupos, promovendo a partilha, a corresponsabilidade, a reflexão e a troca de experiências dos adultos na sua missão educativa e no aprofundamento da fé. Porém, o grande grupo, envolvendo crianças, jovens, adultos e idosos, é igualmente ocasião para promover a partilha e a ajuda recíproca, não só dentro da mesma família, mas também entre as várias famílias, entre os pais de uma e os filhos de outra.

Família e comunidade

Perante a situação atual da catequese, parece que assistimos a um abismo entre as expectativas da família e as eclesiais no que se refere à transmissão e à iniciação

religiosa. Perante uma realidade em que a religião é privatizada na esfera familiar, e a paróquia se apresenta, muitas vezes, como uma agência de serviços, estamos perante **um abismo que deve ser ultrapassado progressivamente, mas muitas vezes de forma lenta.**

Por um lado, talvez a comunidade cristã tenha que se questionar se é pertinente o seu discurso sobre a família, a educação religiosa e a Catequese Familiar. Tal como temos vindo a referir, é urgente uma conversão pastoral que implica uma mudança de coração e mentalidade:

- deixar de conceber a catequese paroquial das crianças e adolescentes como se pudesse ser pensada e organizada à margem e em paralelo com as outras áreas da pastoral paroquial, sobretudo as famílias;
- evitar sobrecarregar as famílias com mais alguns fardos, quando os responsáveis e animadores pastorais não os podem assumir, ou não querem;
- pensar a credibilidade da dimensão «comunitária» das nossas paróquias.

Por outro lado, **a família tem um papel determinante, mas não deve ser a única a preocupar-se pela vida de fé dos seus filhos.** Mesmo que os pais desempenhem primorosamente o seu ministério, é importante que a criança conheça outras pessoas, fora de casa, que vivam, falem e ajam em virtude da sua fé cristã. Fora da família, a criança participa de uma pluralidade de experiências cristãs significativas. O objetivo não é que os filhos copiem a fé dos seus pais, mas que **cada um construa uma relação única com Deus:** mesmo que os pais sejam capazes de testemunhar a fé perante os seus filhos, é de suma importância que estes sejam capazes de compreender que esta fé é sustentada e vivida por uma comunidade mais ampla, da qual importa participar e a fazer-se solidário.

A Catequese Familiar procura também considerar e promover a relação dos pais, enquanto adultos, na comunidade. Considerando que, muitas vezes, os pais envolvidos partem de uma situação de distância da comunidade, este tipo de catequese deve promover a aproximação e uma nova relação harmónica com a Igreja. Portanto, **a Catequese Familiar deve oferecer novas experiências de Igreja:**

- promovendo a passagem de uma Igreja clerical a uma Igreja que aposta seriamente nos leigos;
- promovendo um projeto renovado de Igreja, no sentido da eclesiologia de comunhão e de serviço, o ponto de chegada deste processo catequético;
- promovendo a qualidade da comunidade eclesial;
- promovendo, eventualmente, o crescimento de novas formas de comunidade.

A Catequese Familiar, uma nova forma de iniciação Cristã

Em Portugal, desde o início da preocupação pela renovação da catequese e das suas metodologias, mas sobretudo a partir da tradução do RICA, que, na elaboração dos catecismos para a iniciação cristã, uma perspectiva missionária de catequese se foi acentuando cada vez mais. Hoje, encontramos literatura nacional e diocesana sobre o tema da iniciação cristã. Porém, o conceito ainda parece ambíguo, ou, pelo menos, são muitos os que não veem nela uma renovada perspectiva pastoral, no sentido de reconhecer que a iniciação cristã traz em si um novo modelo, não só de catequese, mas também de toda a pastoral.

A iniciação cristã das crianças e dos adolescentes pede, embora de forma diversificada e progressiva, a participação e o envolvimento dos pais. Tal como vimos anteriormente, quer a tradição da Igreja, quer os documentos mais recentes do magistério reconhecem **nos pais os primeiros e principais educadores dos filhos na fé: direito-dever fundado na graça do sacramento do matrimónio, a partir do qual a sua missão educativa é considerada um verdadeiro e próprio ministério eclesial.** Portanto, envolver os pais na iniciação cristã dos filhos pode tornar-se um dos maiores e promissores frutos na renovação que se pretende da educação da fé das primeiras gerações.

A catequese de iniciação é um processo de progressiva familiarização com a vivência cristã integral, por isso falar de «transmissão» é falar de iniciação, baseando-se na descoberta de todas as dimensões da existência cristã, tendo como centro a liturgia. Sendo assim, implica não só a família, mas também um grupo, a comunidade, que já vive os valores cristãos e tem uma dimensão intergeracional. O Papa Bento XVI, em *Sacramentum caritatis*, define claramente a aposta numa catequese de iniciação cristã:

«É preciso ter sempre presente que toda a iniciação cristã é caminho de conversão que há de ser realizada com a ajuda de Deus e em constante referência à comunidade eclesial, quer quando é o adulto que pede para entrar na Igreja, como acontece nos lugares de primeira evangelização e em muitas zonas secularizadas, quer quando são os pais a pedir os sacramentos para seus filhos. A este respeito, desejo chamar a atenção sobretudo para a relação entre iniciação cristã e família; na ação pastoral, sempre se deve associar a família cristã ao itinerário de iniciação. Receber o Batismo, a Confirmação e abeirar-se pela primeira vez da Eucaristia são momentos decisivos não só para a pessoa que os recebe mas também para toda a sua família; esta deve ser sustentada, na sua tarefa educativa, pela comunidade eclesial em suas diversas componentes. Quero sublinhar aqui a relevância da Primeira Comunhão; para inúmeros fiéis, este dia permanece, justamente, gravado na memória como o primeiro momento em que se percebeu, embora de forma ainda inicial, a importância do encontro pessoal com Jesus. A pastoral paroquial deve valorizar adequadamente esta ocasião tão significativa».

SCar 19

Uma catequese, pois:

1. De tipo catecumenal

Não basta acolher os pais que pedem os sacramentos para os seus filhos, mas é preciso também auscultar as suas necessidades religiosas, procurando despertar as questões de

fundo nos próprios pais, para evangelizar e educar a sua sensibilidade religiosa popular. A Catequese Familiar permite colocar ao lado de uma Igreja que gera os seus filhos dentro de um percurso de transmissão geracional de fé, uma Igreja que, consciente da rutura entre fé e cultura (mentalidade) na sociedade atual, procura propor itinerários de iniciação cristã para os próprios adultos e não só para as crianças. Tratando-se de pais já batizados, mas com uma deficitária iniciação cristã, esta proposta, não sendo um catecumenado, inspira-se no modelo catecumenal, onde o RICA não deixa de ser referência fundamental.

2. Que considera e realiza a primeira evangelização

Perante a realidade atual de forte secularização, com inúmeras famílias vazias de todo e qualquer sentido de fé, deparamos com pais que, não só deixaram perder o sentido da sua fé, como também apresentam os filhos para a catequese sem nunca terem ouvido falar de Jesus Cristo. Estamos, assim, perante crianças e pais que, embora batizados, são como se o não fossem: batizados, mas não evangelizados. Neste contexto, não só é imprescindível o despertar religioso e um primeiro anúncio, próprios de uma ação de primeira evangelização, mas também o próprio percurso catequético deve ser marcado pela constante presença de um primeiro anúncio, para não se dar por adquirida aquela fé que ainda ou já não existe.

3. Uma Iniciação Cristã não escolar...

A realidade catequética nacional ainda está marcada por um modelo escolar, por grupos (classes) e por encontros (aulas), onde muitas vezes prevalece a dimensão informativa ou de noções sobre a de formação/relação. É evidente que a nossa catequese da infância e adolescência está marcada por um forte renovamento pedagógico, porém é importante investir cada vez mais no protagonismo dos mais pequenos na construção do seu próprio caminho de fé. Contudo, uma estruturação da catequese similar à escola conduz, quase inevitavelmente, a uma vivência escolar da própria catequese. A Catequese Familiar vem permitir uma modificação desta característica escolar e acentuar a sua dimensão intergeracional, dando o protagonismo aos mais pequenos, assim como aos próprios pais.

«Pertence aos pais ir dispondo os filhos, desde a infância, para conhecerem o amor de Deus por todos os homens, e ir-lhes inculcando, pouco a pouco, sobretudo com o exemplo, a preocupação pelas necessidades materiais e espirituais do próximo. Que toda a família se torne, pois, na sua vida íntima, como que um estágio do apostolado». AA 30

4. ...mas sistemática e orgânica

Muitas vezes, a catequese na família é apenas entendida como a capacidade de os pais saberem, a partir de algumas experiências vitais, ajudar os seus filhos a abrirem-se a Deus, à sua descoberta e à sua vontade. Nesta perspetiva, falamos do carácter ocasional e não sistemático da Catequese Familiar, próprio do despertar para a fé. Porém, a nossa proposta passa por um itinerário de uma verdadeira e própria catequese orgânica, porque a família é ajudada a inserir-se num programa de pastoral catequética, projetado e acompanhado pela comunidade e por catequistas devidamente preparados para este tipo de catequese.

5. Intergeracional

Atualmente, a catequese realiza-se quase exclusivamente por etapas de idade e concentrando-se demasiado na infância e adolescência, uma vez que tem falhado o desenvolvimento de bons projetos juvenis e para adultos.

E a catequese para estas idades mais adultas não pode ser uma formação ou espécie de aulas tal como acontece com muitas formas, boas e a funcionar, de formação de adultos, mas sem a estruturação e a abrangência de uma CA. De facto, cada vez mais, surgem novas situações, não só de pais que não acreditam, mas também daqueles que, embora acreditem, estão distantes e têm uma iniciação cristã incompleta.

Esta forma de Catequese Familiar valoriza a conversa (diálogo) em família, entre as crianças e os seus pais, sobre os temas do caminho de fé. Os pais devem receber a sua formação específica com um casal animador ou catequista e, por sua vez, os filhos com os seus catequistas-animadores. Os catequistas-animadores dos filhos e o casal animador ou catequista dos pais devem encontrar-se para coordenar o itinerário. Desta forma, a catequese ganha uma dimensão intergeracional, na qual as diversas idades se envolvem para se ajudarem reciprocamente a crescer e a aprofundar, vivendo, a fé.

A fundamentação teológica está no facto de a Igreja ser uma comunidade de batizados de igual dignidade, não sendo ninguém excluído, quer por raça, quer por sexo ou idade. A catequese não pode organizar-se definitivamente segundo uma subdivisão rígida por idades, mas deve ser também aberta e formar um único corpo, uma só realidade em Jesus Cristo.

Outro aspeto é o facto de já ter sido ultrapassado o modelo pedagogia segundo o qual os adultos sabem tudo e as crianças são como recipientes vazios que é preciso encher de conhecimentos. Também as crianças podem contagiar e ajudar na evangelização dos pais.

Ao ser uma catequese intergeracional, não só no seio da família, mas também na relação com outras famílias, no coração da comunidade cristã, a Catequese Familiar, através dos seus encontros, torna-se um lugar de socialização: cada um descobre, deste modo, como escutar e discutir no respeito pelo outro. O desenvolvimento da personalidade espiritual pode ser melhor e aprende-se melhor pelo simples facto de se estar perante uma grande variedade de caminhos possíveis.

«A instância inter-geracional obriga a repensar a tradicional sectorização da catequese em função da idade ou das condições de vida: catequese para crianças, jovens, adultos, intelectuais, ambientes populares, etc. Indubitavelmente, semelhantes orientações inter-geracionais em campo catequético são raras; sem dúvida deveriam ser criados ex novo. O Sínodo de 1977 tinha já 96

dito que a comunidade cristã é “origem, lugar e fim da catequese”. A comunidade cristã no seu conjunto oferece ricas possibilidades de partilha e de diálogo entre participantes de condições e sensibilidades diferentes. Assim, a catequese inter-geracional induz a evitar que se volte toda a atenção apenas para a catequese de infância, tendo presentes as necessidades permanentes do conjunto da comunidade»¹³. H. DERROITTE

6. Diferenciada

¹³ H. Derroitte, *La catechesi liberata...*, p. 65.97

As mutações na família trazem desafios para a elaboração de critérios para a Catequese Familiar: a diversidade de famílias desafia a pensar diferentes propostas catequéticas. Veja-se, por exemplo, o caso das famílias monoparentais: como falar de Deus Pai a estas famílias, se a separação e a ausência do pai são vividas dolorosamente? Como falar de Igreja comunhão, se diariamente se vive o isolamento e a marginalização?

Perante esta diversificação, a catequese não pode fazer discriminação, acompanhando apenas as famílias «clássicas» e recusando as famílias de divorciados, os pais sozinhos e as famílias recompostas (recasados). A atual diversidade e modelos de famílias cria uma grande dificuldade a este tipo de catequese, mas também uma grande responsabilidade, levando-a a ser aberta e acolhedora e, ao mesmo tempo, a reconhecer que a família está aí também para dar sentido, para dar pontos de referência que ultrapassam os desejos e interesses dos indivíduos. Portanto, deve-se configurar doutro modo o caminho a seguir, tanto com os pais como com os filhos:

- propor várias etapas de iniciação e, assim, flexibilizar os caminhos possíveis, não fazendo passar todas as pessoas pelo mesmo caminho;
- favorecer e promover a responsabilidade dos pais, acolhendo as suas inseguranças e reforçando-os nas suas capacidades;
- considerar a voz dos mais jovens, interessando-se por eles como pessoas, e não os vendo apenas como filhos dos seus pais, como paroquianos em potência ou como recipientes que se devem encher.

A pluralidade de famílias que hoje se aproximam da comunidade paroquial obriga a encontrar caminhos diversificados para responder às concretas exigências de fé e de vida de cada uma. Não podemos pedir a todas as famílias a mesma coisa e oferecer-lhes itinerários uniformes, porque, na realidade, não existe só um modelo de família, mas múltiplos tipos que pedem à Igreja que se aproxime das pessoas e as evangelize, segundo a pedagogia da escuta, do acolhimento, do diálogo e da proposta gradual, nos conteúdos e nos tempos que são capazes de acolher. O critério de partida é que não há família que não se preocupe com a educação dos filhos. Isso permite apresentar uma proposta de ajuda aos pais para descobrirem os dons e as potencialidades humanas e espirituais que possuem e de que, frequentemente, não têm consciência, por isso, preferindo delegar nos outros a missão de educar seus filhos.

Para além das formas e métodos pastorais de catequese e evangelização familiar que referimos anteriormente (*com* e *da* família), apontamos, de entre muitas possibilidades, mais alguns:

- com famílias inter-confessionais, enquanto experiência ecuménica;
- famílias com filhos portadores de deficiência e com necessidades educativas especiais;
- famílias de imigrantes cristãos;
- famílias que têm filhos não batizados e que percorrem o caminho catecumenal;
- famílias em situação irregular ou em dificuldades no plano moral e espiritual e que, todavia, pedem os sacramentos para os seus filhos ou, muito simplesmente, se aproximam da Igreja.

7. O «despertar da fé» potencia a Catequese Familiar

Uma das grandes questões que se colocam à Catequese Familiar é como motivar os pais, como acolhê-los e ajudá-los a sentir a importância de não só acompanharem os seus filhos, como também descobrirem a necessidade de aprofundar a sua fé. Sem dúvida de que a promoção de um projeto do «Despertar da Fé» nos primeiríssimos anos em muito pode facilitar a que as famílias se sintam motivadas a continuarem numa Catequese Familiar.

Nas comunidades onde simultaneamente com uma Catequese Familiar se promove o «Despertar da Fé» não haverá grande dificuldade em propor aos pais a continuidade. Portanto, seria extremamente positivo que as comunidades paroquiais ao apostarem numa catequese para as famílias fossem capazes de propor o «Despertar da Fé» àquelas que têm filhos muito pequeninos (entre 0 e 6 anos).

Estudos e projetos de investigação de vários autores (Freud, Piaget, Vigotsky, Erikson ou Bruner), afirmando a importância capital do desenvolvimento da criança nos anos que antecedem a idade da razão e comprovados pela prática inspirada de pais e educadores junto das suas crianças, vêm justificar a importância do despertar da fé que visa despertar as famílias cristãs para a formação religiosa dos seus filhos, desde que estes nascem.

Para além da família, os lugares habituais para o despertar da fé são a paróquia, os centros escolares infantis (creche, jardim da infância, berçário, escola infantil), porém a família é o primeiro e principal espaço do despertar da fé, porque são os pais os primeiros responsáveis por suscitar e amadurecer a fé dos seus filhos.

A família é, em si mesma, instituição básica e insubstituível porque ela é o lugar onde o ser humano dá os primeiros passos na vida e está chamada a ser o lugar onde a criança começa a dar os primeiros passos na fé¹⁴.

M. DEL CAMPO GUILARTE

As famílias, em geral, só se preocupam com a educação religiosa dos filhos quando se aproxima a idade escolar, chamada idade da razão, inscrevendo os filhos na catequese paroquial ou, se eles frequentam uma escola católica, nessa mesma escola. Porém, a consciência de que a criança é um todo desde que nasce e que a dimensão espiritual integra e unifica a vida levou ao projeto «Despertar da Fé», sugerindo o que se pode fazer para acompanhar o crescimento espiritual da criança. Nesse projeto, as famílias que optam pelo batismo dos seus filhos, as comunidades cristãs e as instituições com identidade cristã são convidadas a oferecer às crianças o ambiente e o acompanhamento na descoberta da vida cristã. (...)

8. A Catequese Familiar muda o rosto da catequese

De tudo o que dissemos, neste enquadramento familiar de uma catequese que se quer iniciática, constatamos que a Catequese Familiar «é, portanto, uma necessária aposta que cada igreja e cada comunidade paroquial é chamada a fazer para realizar a IC das novas gerações e sustentar e consolidar os casais de pais na sua vida matrimonial; e o segundo objetivo não é certamente insignificante em relação ao primeiro»¹⁵. S. GIUSTI

¹⁴ M. del Campo Guilarte, *A família e o despertar religioso dos filhos*, in «Pastoral Catequética», 7 (2007), p. 43.99

¹⁵ S. Giusti, *La via italiana alla catechesi familiare*, ed. Paoline, Milano 2008, p. 136.100

HOJE, A CATEQUESE FAMILIAR DEVE PROMOVER NA FAMÍLIA:

- a descoberta da própria identidade, melhorando a sua qualidade de vida, através de uma sã vivência das relações familiares;
- a recuperação das famílias, da sua missão educativa e a consciência, por parte dos pais, da responsabilidade e tomada de consciência da capacidade de educar na fé os seus filhos;
- a garantia do primeiro anúncio do evangelho, tão determinante no processo de iniciação cristã das crianças e adolescentes;
- a iniciação cristã projetada na perspectiva de um novo modelo de catequese que permita uma autêntica experiência de CA «adulta»;
- da ajuda para se superar a rutura entre fé e cultura, Evangelho e mentalidade, promovendo um novo modelo de crente convicto;
- a inserção num projeto orgânico, marcado por uma verdadeira conversão pastoral, numa Igreja cuja identidade é evangelizar.

Catequese Familiar

para mudarmos o rosto da Catequese

A proposta de trabalho

A Catequese Familiar não deve ser pensada e projetada isoladamente, fechada em si própria, mas deve ser parte integrante dum projeto de catequese mais amplo, colocando-se dentro da comunidade cristã e apostando na própria família e nas novas gerações. Neste sentido, a proposta que apresentamos não olha para uma catequese ocasional, mas **sistemática**. Propõe um **itinerário de uma verdadeira e própria catequese orgânica**, ajudando a família a inserir-se dentro de **um programa de pastoral catequética**, estabelecido e acompanhado pela **comunidade** e por **catequistas** preparados para este tipo de experiência.

Esta proposta de Catequese Familiar que pretendemos é determinada pelo conceito de «transição»¹⁶. Não se trata de criar um projeto de CA que crie uma rutura brutal com o projeto catequético nacional (centrado na infância e adolescência) mas de criar um novo projeto, centrado na CA, a partir da qual se configura a catequese das outras etapas da vida. A CA deve estar ao centro, mas a «transição» é o caminho da prudência pastoral. O modelo de Catequese Familiar que **propomos** configura-se como uma proposta que, **partindo da estruturação nacional da catequese da infância e adolescência**, procura **apostar na formação cristã dos pais, enquanto adultos**.

A transição implica a análise da situação da catequese oficializada no país e, a partir daí, elaborar critérios para que se possa transformar a prática pastoral no seu todo. Uma análise do atual funcionamento dominante da catequese, não só nacional, mas também diocesano e paroquial. Quando se utiliza a palavra «catequese», a maior parte das pessoas pensa espontânea e exclusivamente em «crianças»; e isto por parte dos pais e dos leigos em geral, assim como dos catequistas, dos agentes de pastoral, dos sacerdotes e, muitas vezes, também de algumas autoridades eclesiais. Na realidade, os grupos de catequese das nossas paróquias compõem-se, normalmente, de crianças e um(a) catequista, sendo a maioria mulheres. O conceito **de catequese** está tão ligado à infância e adolescência, que leva, muitas vezes, a esquecermos que a sua **função é transmitir, conservar e aprofundar a Boa Nova do Senhor, o que quer dizer que tem de abranger todas as gerações de cristãos**.

Naturalmente que se devem projetar as mais diversas formas de Catequese Familiar, muitas delas ainda por conceber, considerando os diversos tipos de família e comunidade. O caminho far-se-á baseado em experiências e simulações de novas práticas de Catequese Familiar, considerando as situações reais das famílias e das pessoas.

¹⁶ L. Aerens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitaria e intergeracional*, ed. Sal Terrae, Maliaño (Cantabria) 2006, p. 18.102

A atual situação portuguesa desafia-nos a partir da análise do seu próprio funcionamento, que pode servir de plataforma para iniciar os caminhos esperados e queridos: já se fazem reuniões de pais, encontros de formação de pais ocasionais, envolvimento dos pais nas celebrações da catequese. Não se trata de abandonar a catequese de infância, mas de **fazer com que as mentalidades evoluam para (re)descobrir que a catequese se dirige a todos:** às crianças, aos adolescentes, aos jovens, mas também e, sobretudo, aos pais.

Assim, esta proposta de Catequese Familiar segue o projeto catequético nacional da infância e adolescência, fruto da renovação da catequese. Porém, hoje a catequese da infância e adolescência vai perdendo paulatinamente os contextos que tradicionalmente lhe davam suporte e eficácia: a família, a escola, a comunidade e o próprio meio envolvente. Sente-se que a nova evangelização passa, sobretudo, pela formação dos adultos que, assumindo a sua identidade cristã, sejam o garante da eficácia de todo e qualquer tipo de catequese. Mas, por onde começar?

A proposta de Catequese Familiar procura responder a essa questão e:

- considera um projeto já estruturado;
- procura recuperar um suporte que vai perdendo: a família;
- pretende envolver os pais, mas ajudá-los também no crescimento humano e da sua fé (estando sempre atentos às suas situações particulares: já iniciados, distantes, etc);
- evangeliza os pais para evangelizar os filhos;
- pretende ser uma catequese sistemática (naturalmente pode ser um número reduzido de pais os que vão aderir; por isso é uma proposta que respeita a liberdade de adesão, inscrita na lógica missionária e não da socialização);
- não exclui outros itinerários e modelos, mais ocasionais, com outros pais que não se queiram envolver neste itinerário.

Apostar numa Catequese Familiar não se trata apenas de ajustar antigos modelos, mas investir numa nova orientação, numa nova forma de renovação da catequese que considera vários critérios fundamentais para uma nova mentalidade pastoral:

- **Apostar na mudança de finalidade**, procurando superar a mentalidade da iniciação aos sacramentos para passar a uma iniciação à vida cristã, introduzindo numa experiência de vida cristã, onde os sacramentos são momentos decisivos e progressivos de todo o processo, mas não o objetivo final;
- **Investir numa nova lógica**, não tanto a da socialização religiosa, da qual está impregnada muita da nossa mentalidade catequética, mas a lógica cada vez mais de inspiração catecumenal. O acesso ao processo de iniciação, sobretudo para os sujeitos adultos, é caracterizado pela liberdade, na linha de uma proposta de livre decisão. Trata-se de um dado absolutamente novo em relação à catequese tradicional, fazendo entender que se está a ultrapassar uma forma de socialização geral da fé;

- **Mudar os sujeitos envolvidos**, saindo da concentração da catequese apenas nas crianças e no catequista, com alguma incidência da comunidade, para apostar não só nas crianças, mas também na família (pais), na comunidade e na competência de vários tipos de catequistas; trata-se de uma ação catequética que aposta sempre mais na redescoberta da fé das pessoas adultas envolvidas. O catequista não estará mais sozinho, como aquele que ensina, passando a ser toda a comunidade que catequiza, presente numa variedade de pessoas com papéis diferentes, e sendo a primeira responsabilidade dos pais. Consequentemente, muda a orientação da formação dos catequistas, pois estes devem estar capacitados para acompanharem os percursos de fé e se dirigirem cada vez mais aos adultos;
- **Mudar a perspetiva geral da transmissão da fé às novas gerações**, o que implica um árduo desafio na conceção de novos subsídios e catecismos, na programação metodológica dos encontros, assim como no necessário diálogo com institutos e movimentos que se ocupam da educação cristã, a fim de se concertar esforços conjuntos;
- **Configurar o Domingo, tendo ao centro a celebração eucarística**, cada vez mais como o lugar e o tempo privilegiado para esse processo de iniciação que congrega a família na comunidade de fé.

Assim, um conjunto de critérios pode ajudar à «transição» de uma catequese centrada na criança para uma Catequese Familiar. Trata-se, antes de mais de uma mudança de mentalidade, de um novo modelo: passar de uma catequese infantil e da adolescência para uma catequese abrangendo as várias idades; passar de uma catequese por idades para uma catequese intergeracional; passar de uma catequese «sacramental» para uma catequese de iniciação; passar de uma catequese expositiva para uma catequese mistagógica (que celebra a vida); passar de uma catequese temática para uma catequese sistemática (aqui segue os catecismos dos três primeiros anos - preparação para a Primeira Comunhão); passar da responsabilidade só dos catequistas para uma catequese confiada também à responsabilidade dos pais e da comunidade; passar de uma catequese obrigatória e por inscrição para uma catequese fruto de uma opção quanto possível consciente e séria.

-Motivar e evangelizar os pais

Um dos motivos para esta proposta de catequese brota do facto de que a catequese das crianças tem um resultado bastante estéril, se não encontra eco no testemunho da família. Porém, numa época em que as nossas famílias estão cada vez mais secularizadas, importa motivar e evangelizar sobretudo os pais. Caso contrário, seria quase inútil, por exemplo, ensinar a rezar as crianças se, em família, nunca se reza.

Hoje, torna-se cada vez mais insustentável uma catequese que aposta somente na idade da infância. O desafio é ultrapassar decididamente uma catequese centrada nas crianças, com algumas tentativas de envolver os pais, e passar para uma catequese dos e aos pais, que envolva também as crianças. Nesta proposta de catequese, o envolvimento

dos pais é indispensável e é possível, sendo o centro da catequese. Várias experiências internacionais - já referidas - e as que estão a ter lugar nalgumas paróquias portuguesas provam a oportunidade e a eficácia desta abordagem.

É importante encontrar o justo equilíbrio entre o envolvimento dos adultos enquanto pais e a sua evangelização enquanto adultos.

1. É fundamental todo um trabalho de aproximação e acolhimento dos pais, atento à sua vivência relacional, procurando motivá-los para este desafio.
2. Deve proporcionar-se-lhes uma reiniciação, porque muitos destes adultos tiveram uma iniciação muito deficitária, sem qualquer equilíbrio e consonância entre a fé e a vida. Por isso é necessário que se lhes proporcione a oportunidade de começarem de novo, iniciando-os num cristianismo que os ajude a serem adultos no mundo de hoje.
3. É preciso envolvê-los na vida cristã e na vida da comunidade, porque, estando corretamente motivados para a vida de fé, não só estarão presentes no caminho de fé dos seus filhos, como também na vida da comunidade, dando, nas circunstâncias sociais, razões da sua esperança.

Assim a CATEQUESE FAMILIAR exige e produz mudanças significativas no paradigma da catequese paroquial:

- passar dos pais que confiam os filhos à paróquia, na mesma lógica da que os faz levar ao futebol e ao ballet, para pais que sejam educadores da fé, envolvidos profundamente na educação dos filhos;
- passar de pais, que acompanham os filhos, a adultos que se colocam perante Cristo com renovado interesse e determinação;
- passar de adultos curiosos ou indolentes, a crentes desejosos de aprofundar a própria pertença à comunidade cristã;
- passar de uma vaga recordação infantil, a uma evangelização verdadeiramente «nova» que permita a Cristo entrar no âmago das suas vidas;
- passar do «sentir dizer» próprio de muitos católicos, ao «experimentar a própria pessoa» que vale a pena viver na paróquia;
- passar das questões gerais sobre a morte, o sofrimento, o mal, à questão fundamental de «quem e o quê salvará verdadeiramente a minha vida?».

Perante a constatação da incapacidade de muitos pais em transmitirem e testemunharem a fé aos seus filhos, é imprescindível saber cativá-los, acolhê-los e envolvê-los num processo de formação cristã sistemática, para lhes propor conteúdos por eles nunca escutados e lembrar outros esquecidos, e sobretudo para os **levar a um novo estilo de vida**, que é a peça-chave na Catequese Familiar. Esta **formação dos pais** tem algumas **características**, tais como:

- destinada a casais e segue um conteúdo pré-determinado; também é indispensável ter presente as famílias monoparentais que aumentam de dia para dia, assim como os avós que, presentemente, têm um papel preponderante na educação dos netos.
- obedece a um programa pré-estabelecido;

- tem um limite de tempo, de três anos;
- é feita em pequenos grupos de casais;
- cada grupo é animado por um casal animador;
- cada grupo reúne-se semanalmente;
- no final do itinerário, poder-se-ão formar pequenas «comunidades», à semelhança das Comunidades de Base.

-Por ocasião da preparação para a Primeira Comunhão

Partindo da importância que alguns pais dão, ainda, à Primeira comunhão de seus filhos, torna-se urgente aproveitar essa circunstância para proporcionar a pais e filhos um período de formação cristã intensiva. Os pais, na sua maioria, apresentam os filhos para se prepararem para a Primeira Comunhão, porém nós pretendemos mais: um caminho de iniciação cristã. Neste sentido, **a proposta é acompanhar os pais, juntamente com os filhos, do primeiro ao terceiro anos de catequese, etapa da iniciação cristã, que termina com a celebração da Eucaristia. (...)**

-Estrutura da Catequese Familiar

Estruturada em quatro tempos

Esta proposta permite reformular a iniciação cristã das crianças, saindo do esquema escolar, envolvendo os pais e valorizando o Domingo. É um itinerário articulado em quatro momentos semanais, de preferência ao Sábado ou Domingo.

Tempo 1 (na paróquia, duas vezes por mês)

- *Encontro dos pais*: tem como objetivo a descoberta da fé dos adultos, que acontece num **grupo de pais** orientado por um catequista ou casal animador. Neste encontro são fornecidas aos pais sugestões para comunicar em família o que foi amadurecido no grupo. É proposto aos pais um itinerário de CA, mas ao ritmo das etapas do catecismo dos seus filhos.

Estão a ser elaborados subsídios, para os três primeiros anos: *guia do animador/catequista* e *guia dos pais*. O primeiro é um subsídio quer para a CA com os pais, quer para a catequese na paróquia com os filhos; o segundo é para auxiliar os pais na sua conversa ou diálogo com os filhos, em casa.

Tempo 2 (em casa, ao longo do mês)

- *Diálogo em família*: no encontro dos pais, oferecem-se-lhes algumas propostas simples, assim como materiais, preparando-os para a sua missão de testemunhar a fé aos filhos, com momentos próprios de diálogo, de oração e de confronto com a vida. O diálogo em família, entre pais e filhos, é o momento central de toda a Catequese Familiar. Aliás, esta está estruturada de forma a potencializar e tornar o diálogo familiar verdadeiramente fecundo.

Tempo 3 (na paróquia, duas vezes por mês)

- *Encontro das crianças*: acontece na paróquia numa altura onde seja possível, pelo menos, um período de duas horas e sempre sucessivo ao diálogo em família.

Deve ser possível um digno acolhimento das crianças, para dar a possibilidade de partilharem o que viveram em família, assim como para a animação levada a cabo pelo catequista, e para a oração.

Neste encontro, podem estar presentes e intervir o pároco, pais voluntários, jovens, ministros da Eucaristia, os avós ou outras pessoas ¹⁰⁸

que possam fazer equipa com o catequista e possam levar o seu contributo «carismático» específico (caritativo, musical, lúdico, etc.). É um momento frutuoso, depois de um bom diálogo em família, e deve ser seguido por outro momento, em que a criança escreve no seu caderno, ou num «Diário de Bordo», a sua vivência.

Tempo 4 (na paróquia, no final de cada mês)

- *O Domingo*: os pais encontram-se, guiados pelo pároco/catequista/casal animador, para uma avaliação da experiência feita em família e para aprofundar as questões abertas. Entretanto, as crianças preparam uma oração, um gesto, ou um sinal para manifestar na Missa alguma coisa do caminho feito e envolvendo a assembleia. Este encontro acontece ao Domingo cerca de duas horas antes da celebração da Eucaristia. Previamente combinado com os pais, pode ser no Sábado à tarde ou no Domingo à tarde.

Este quarto tempo é o mesmo que o segundo encontro dos pais e das crianças na paróquia.

Para que se realize eficazmente esta catequese mensal, em quatro tempos diferentes, são indispensáveis catequistas dotados de competência para este tipo de catequese. E, sem dúvida, que a formação de catequistas tem de ser o primeiro grande passo desta proposta. Portanto, catequistas ou casal animador para o grupo de pais e um catequista para o grupo das crianças, sendo fundamental a coordenação entre um e outros para que o trabalho em família seja frutuoso.

Tal como fomos referindo são igualmente indispensáveis para este trabalho os subsídios, tais como: o livro dos pais para o diálogo em família com os filhos; e o guia do catequista estruturado em quatro tempos.

Esta estrutura segue o ritmo dos catecismos nacionais da Iniciação Cristã da Infância (consultar o texto completo - ver obra indicada)

CONCLUSÃO

Esta proposta enquadra-se no contexto e na urgência de um novo modelo de catequese, procurando superar um modelo ligado a um passado de cristandade homogénea, que ainda teima em persistir, assim como à ilusão de que bastam alguns ajustamentos para tornar a catequese novamente eficaz.

O critério de fundo é colocar no centro a família e não só as crianças, privilegiando os adultos, a partir do seu papel de pais. É-lhes proposto um caminho ritmado pela iniciação cristã dos filhos, mantendo-se, assim, o percurso da catequese tradicional (infantil, mas não infantilizante), permitindo, todavia, a abordagem de questões

fundamentais que os próprios pais formulam enquanto adultos. Para tal, é necessária uma reformulação do itinerário segundo a dinâmica dos quatro tempos. Portanto, esta perspetiva faz como que se vá deslocando a objetiva dos filhos para os pais, das crianças para os adultos, colocando ao centro do projeto catequético uma CA capaz de formar personalidades maduras na fé¹⁷19, isto é, fazendo com que os pais, enquanto homens e mulheres deste tempo, possam vislumbrar e participar da verdadeira imagem de cristão e de Igreja.

Sintetizando, esta forma de Catequese de Adultos, através desta proposta de Catequese Familiar, vive e alimenta-se de uma pastoral orgânica, pensada e coordenada, com o envolvimento responsável de vários sujeitos da comunidade cristã, promovendo, assim, uma nova inserção da família na comunidade.

Vasco da Cruz Gonçalves

NOTAS

Bibliografia

O texto “CATEQUESE FAMILIAR” apresentado, é uma montagem de vários trechos do livro:

“A catequese familiar, reflexões e propostas de trabalho”
Vasco da Cruz Gonçalves,
Edições Fundação Secretariado Nacional Educação Cristã, 2011

Como adquirir a obra?

Secretariado Nacional da Educação Cristã

Quinta do Cabeço Porta D 1885 – 076 MOSCAVIDE

Telefone: 218 861 285

E-mail: educacao-crista@sapo.pt - www.educris.com

OU

Secretariado Diocesano da Educação Cristã do Porto

Seminário de Vilar - Rua Arcediago Van Zeller, 50 4050 - 621 PORTO

Tel. 226056037 (das 14 às 18h)

E-mail: portosdec@gmail.com

Material de apoio para a Catequese Familiar

Sendo a catequese familiar um percurso que implica um tempo de catequese na comunidade e um tempo de catequese na família a partir dos catecismos do 1º, 2º e 3º ano, neste momento estão a ser elaborados materiais de apoio para a família e para os animadores (que acompanharão as famílias). Assim, brevemente, serão editados, pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã, os seguintes manuais:

¹⁷ Catequese Familiar. S. Lanza, *La nube e il fuoco...*, pp. 276-282.

Catequese Familiar. ainda o que escrevemos sobre Sergio Lanza e a perspetiva «cultural», Cap. 2 desta tese.

- Um guia para a família

Este oferecerá indicações práticas de como orientar o momento de catequese em família a partir do catecismo e destina-se a ser adquirido pelas mesmas (edição prevista a partir de janeiro);

- Um guia para os animadores das famílias

Este oferecerá aos Animadores, que acompanharão as famílias, indicações práticas de como orientarem o encontro com as famílias a partir do catecismo (edição prevista no final do ano pastoral).

Neste momento, em Portugal, já foi implementado com êxito, em várias Paróquias Piloto, o modelo de Catequese Familiar. Propõe-se que, em Comunhão Eclesial, a partir da reflexão oferecida pela Catequese Familiar, cada comunidade dê seguimento ao processo de repensar o actual paradigma de Iniciação Cristã. Hoje, a sua concretização assemelha-se ao modelo tridentino de ensino e nem sempre assume a «tarefa de iniciação, de educação e de ensino» como indica o DGC nº 68. Missão complexa que remete para o modelo catecumenal.

O Secretariado da Iniciação Cristã do Porto agradece que partilhe connosco a sua reflexão e caminhos já percorridos para que, em Igreja, se possa num esforço conjunto intensificar a fidelidade a Deus e ao Homem (Cf. *Catechesi Tradendae*) neste tempo de graça que nos é dado viver.